

Urge mudar o que não está bom

Sílvio dos Santos Carvalho*

Esta frase encerra um apelo irrecusável principalmente quando o assunto é importante e as opiniões são quase ou totalmente unânimes.

Ainda que a constatação do que foi julgado não seja uma conclusão pessoal, mas de outrem, é aceitável que ações modificadoras tenham, desde logo, início, sobretudo quando as informações merecerem inteira credibilidade.

O assunto é o ensino de medicina que sempre esteve e continua em debate. Todos nós envolvidos com o tema sentimos que há muito ele não vai bem e a insatisfação é cada vez maior e mais disseminada.

Opiniões de alunos e professores são concordantes e, em reuniões de comissões, conclaves e conversas despreziosas, são apontadas múltiplas razões inquestionáveis.

Enquanto estamos arrolando na Faculdade de Ciências Médicas da Puccamp, através de enquetes, discussões e análises (Comissão de estudo do nosso Currículo de Graduação), a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná cuida de reestruturar o currículo de graduação do seu curso de medicina e já oferece resultados de grande valor para fundamentar a crítica sobre a organização e problemas do curso dentro da sua própria casa. Os que se propuseram a estudar o currículo não pouparam esforços e são pródigos em informações que a nós chegaram através do relato do próprio Diretor do Setor de Ciências da Saúde daquela Instituição, o Dr. Mário Sérgio Júlio Gerçi. Recebemos dele dois opúsculos sobre "Reestruturação do Currículo de Medicina I e II". Sobretudo o de nº II é farto em informações, resultado da opinião organizada de alunos, egressos e professores daquela Faculdade de Medicina.

Na verdade muitas das conclusões do trabalho já eram "sentidas" pelos interessados no tema há muitos anos, mas os números que apresentam dão muita objetividade às "impressões" que ficam, pela simples observação e acompanhamento da sucessão de evidências.

Assisti a palestra do Dr. Mário Sérgio no II Encontro sobre Ensino de Medicina, realizado na Puccamp recentemente, e, tendo lido, principalmente o caderno nº 8 da Avaliação, desejo ressaltar estendendo considerações e críticas, parceladamente sobre as que me parecem de maior relevância.

É nosso propósito, sem prejuízo da colheita dos nossos próprios dados, através do trabalho da Comissão de Currículo da Faculdade de Ciências Médicas da Puccamp,

antecipar estas considerações que poderão ser úteis e permitir que algumas recomendações entrem desde logo na pauta das reuniões da Comissão para que sejam discutidas e recomendadas como propostas para iniciar mudanças com base em conclusões aprovadas por consenso.

Baseado na opinião dos três grupos consultados elegemos os tópicos de maior destaque e importância para discorrer sobre cada um confrontando as conclusões enunciadas, com a nossa experiência pessoal, resultado de uma vivência de mais de cinquenta anos ininterruptamente devotados ao ensino e à assistência clínica aos pacientes do Hospital Escola em três Escolas distintas. Primeiro a Escola Paulista de Medicina desde a nossa graduação, de 1940 até 1968, na Unicamp de 1967 até 1987 e na Puccamp desde 1977 até o presente.

Como concluíram os autores do trabalho na Universidade Federal do Paraná, nós temos um número excessivo de disciplinas e, por isso a carga horária é também excessiva. É necessário reconhecer que está errado e propor redução, deslocando para a pós-graduação os excessos e o potencial dos especialistas para formar especialistas.

Como assinalado no Paraná temos um curso pulverizado pela ministração das disciplinas por especialistas "que fragmentam o ser humano em órgãos e sistemas" perdendo-se a visão do paciente como um todo. Deve-se acabar com esta pulverização do ensino, diz Dr. Arnaldo Moura, daquela Universidade.

Praticamente não há integração básico-profissionalizante. Não me lembro de ter sido o tema debatido nesta Escola. Parece que nenhuma vez professores do ciclo básico e do profissionalizante discutiram juntos os programas das disciplinas básicas que pretendem ser pré-requisitos indispensáveis dos programas do ciclo de profissionalização!

Os subsídios que acabamos de receber da Coordenação do Curso de Medicina daquela Escola são uma real advertência para que analisemos os erros que estão sendo aqui cometidos. "Urge mudar o que não está bom" e para isto é necessário propor medidas decisivas para não mais protelar o encaminhamento de mudanças que visem a atenuar, pelo menos, o que está ao nosso alcance.

É consenso entre aqueles que estudam e debatem os problemas do ensino de graduação em medicina que é preciso mudar. Porque não mudar efetivamente? Pior não vai ficar...

* Coordenador do Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas da Puccamp.